# O CISMA ALGORÍTMICO: ANATOMIA DE UMA IGREJA-FORTALEZA NO CATOLICISMO DIGITAL BRASILEIRO

*The algorithmic schism: anatomy of a fortress-Church in Brazilian digital catholicism*

Thiago Gama*
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
DOI: 10.29327/256659.17.1-11

## RESUMO

Propomo-nos investigar aqui um fenômeno religioso, isto é, uma fissura no seio da Igreja Católica brasileira, catalisada por Frei Gilson, esta fratura expõe uma dissonância que nos parece quase irreconciliável entre o discurso público do frade e o corpo doutrinário que o Magistério Católico vem construindo ao longo de dois milênios – de forma contínua, mas não isenta de tensões – desde Leão XIII até Francisco (principalmente). Ao confrontar sistematicamente a pregação do carmelita com os textos papais, sustentamos que sua proposta teológica transcende em muito uma mera variante do conservadorismo. O que temos em mãos é algo mais distinto e, arriscamos dizer, mais perigoso: uma ruptura seletiva que, ao instrumentalizar a fé, esvazia a exegese bíblica e, de forma ainda mais grave, amputa a Doutrina Social da Igreja de seu cerne profético.

**Palavras-chave:** Frei Gilson; Magistério Católico; Doutrina Social da Igreja.

* É Mestre em História Comparada pela UFRJ, com área de concentração na História da Igreja Católica no Século XX e XXI, ênfase no contexto político e diplomático do exercício dos pontificados de João Paulo II (1978-2005), Bento XVI (2005-2013) e o Papa Francisco (2013-2025). E-mail: thiago38ga@gmail.com

# INTRODUÇÃO

*O espetáculo da fé na madrugada digital*

Há um ritual que tomou de assalto o silêncio das madrugadas brasileiras. A recitação do rosário mariano em escala inédita no país. Entre agosto e setembro de 2025, testemunhamos milhões de fiéis reunindo-se na plataforma de vídeos do ecossistema Google, o YouTube; noite após noite, Gilson da Silva Pupo Azevedo (1986), o carmelita que o Brasil conhece como Frei Gilson, quebra os seus próprios recordes de engajamento: três milhões de fiéis visualizaram a recitação das Ave-Marias por ocasião do período da Quaresma. Até o momento de escrita deste artigo, dia 29 de setembro de 2025, o frei conta com mais de 7 milhões de internautas inscritos em seu canal (em ascensão).[1]

Seria uma análise reducionista ver neste fenômeno uma mera resposta à sangria demográfica que o catolicismo enfrenta, posicionando o frade como um herdeiro natural do Padre Marcelo Rossi (1967). Mas a comparação, por mais que seduza e sirva como uma luva a dizer que Frei Gilson opera na realidade dos tempos da Internet, enquanto o padre Marcelo Rossi pertencia ao mundo analógico, me parece que esta teoria falha, e não dá conta do fenômeno Frei Gilson em sua complexidade ontológica.

Como afirmamos, Rossi foi, de fato, um produto da era analógica, da missa-show televisionada; Frei Gilson é um nativo digital. Ele não opera na lógica da grade de programação, mas na velocidade do 5G, com o sucesso medido na fria métrica dos algoritmos de engajamento. E é exatamente aqui que a tensão se instala, onde a análise precisa ir mais fundo. Sua ascensão parece encarnar o dilema de uma Igreja em busca de relevância, mas que, no processo, arrisca entregar seu *ethos* bimilenar às lógicas da sociedade do espetáculo e do insidioso capitalismo de vigilância. Segundo a autora Shoshana Zuboff (1951), em *A Era do Capitalismo de Vigilância* (2019), aqui a moeda fungível é o engajamento pela certeza. O algoritmo da manipulação cria uma bolha impenetrável de pertencimento comunitário, e extrai dos indivíduos atomizados o máximo de *extração de dados* comportamentais, alimentando-o para um consumo e uma economia da atenção dirigida e autômata.

[1] https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/03/12/fe-nas-madrugadas-como-e-uma-live-de-frei-gilson-lider-catolico-que-atrai-milhoes-de-fieis-em-quaresma-digital.ghtml. Acessado no dia 29 de setembro de 2025.

O argumento e a dramaticidade que Frei Gilson encarna, sob a pele desse sucesso midiático, acabou por forjar uma teologia em rota de colisão com o próprio Magistério da Igreja Católica. Uma análise atenta do que o frade diz e, crucialmente, do que ele silencia, revela um divórcio que não se restringe à ala dita progressista da Igreja. O que verdadeiramente assombra é o seu afastamento em relação ao ensinamento contínuo de papas dos séculos XX e XXI, incluindo figuras que são, elas mesmas, pilares do pensamento conservador.

O que aqui abordamos, portanto, não é um simples desvio de rota, mas a materialização de um *tradicionalismo a-histórico*. Um movimento que, no afã de defender a fé, acaba por trair a densidade da *Tradição* que Frei Gilson, como sacerdote católico jurou proteger. E o critério para esta avaliação foi dado pela própria tradição intelectual católica, de João Paulo II a Bento XVI, que sempre insistiram que a fé não só permite, mas exige a razão. Uma teologia que opera pela simplificação, como a de Frei Gilson, flerta perigosamente com a indigência intelectual e a infantilização dos fiéis. Ela substitui o dever da caridade intelectual por uma gramática de engajamento, feita de binarismos e pânico moral anacrônico.

Quais são as implicações dessa fratura? Para o Depósito de Fé Católica são incomensuráveis. Transbordam o debate interno da Igreja, resultando numa ameaça à sua unidade e autoridade, ao mesmo tempo em que fornecem um verniz espiritual para a retórica da divisão que tanto adoece o Brasil de hoje, no aspecto político e religioso – o tecido social brasileiro está, inexoravelmente, cindido e rasgado. Nossa análise seguirá por três caminhos: primeiro, a colisão brutal entre sua leitura fundamentalista da Bíblia e a hermenêutica oficial da Igreja; depois, o sistemático apagamento da Doutrina Social para dar lugar a um inimigo político conveniente; e, por fim, o abismo que separa sua *Igreja-Fortaleza* da *Igreja em saída* que o Magistério recente nos propôs na figura do Papa Francisco (2013 – 2025).

Esclarecemos desde já: esta crítica não é ao conservadorismo católico em si. É um esforço para distinguir um conservadorismo fiel à Tradição Magisterial, de um outro ideológico, que opera por conveniência, seleção e, sobretudo, esquecimento e apagamento de identidades, como se verá, principalmente pela luta do Movimento Negro deste país, a duras penas conquistado numa luta contínua, e, por este ângulo, Frei Gilson presta um enorme desserviço a esta enorme parcela da população brasileira.

## O SUICÍDIO DO PENSAMENTO: A EXEGESE CONTRA A HERMENÊUTICA

O ponto nevrálgico da dissonância teológica de Frei Gilson, é seu método de ler a Bíblia em sua forma literal. O que ele vende a seus fiéis como um retorno à pureza do texto sagrado, sob um olhar mais atento, se revela como uma forma de fundamentalismo que o próprio Magistério já condenou de forma explícita e repetida. Sua prática parece ignorar um pilar do pensamento de Joseph Ratzinger, um teólogo que ele certamente professa admirar, sem saber, com razoável dose de certeza, o que está contido na totalidade de suas obras: a fé exige a razão para encontrar a Palavra, pois o Deus que se revela na Escritura é *Logos* e *Razão Criadora*.

Isso fica claro, por exemplo, em um sermão sobre a relação entre homens e mulheres. Partindo de uma leitura rasa de Gênesis 2:18 ("Vou dar-lhe uma auxiliar que seja adequada"), ele não hesita em decretar: "Aqui você já começa a entender qual é uma missão da mulher. Ela nasceu para auxiliar o homem[2]". Na mesma fala, ele conecta a busca feminina por "ter mais" – que ele chama de "empoderamento" – a uma "fraqueza da mulher", tudo dentro de uma "guerra dos sexos" de inspiração "diabólica". A conclusão é taxativa: "É claro ver que Deus deu ao homem a liderança. [...] O homem é o chefe do lar".[3]

Essa abordagem não apenas soa anacrônica; ela confronta uma diretriz magisterial estabelecida por Pio XII (1939 – 1958), em plena Segunda Guerra, na encíclica *Divino Afflante Spiritu* (1943). Naquele documento, um marco que libertou os estudos bíblicos católicos, o papa determinou que a crítica histórica, a filologia e o estudo dos "gêneros literários" eram indispensáveis para uma correta interpretação. A encíclica foi um golpe contra o literalismo que ignora o contexto de um texto, um ensinamento que se tornaria ainda mais forte anos depois. Escreve Pio XII em sua *Carta Encíclica* de modo claro:

> Por isso em graves termos declarou que não há erro absolutamente nenhum quando o hagiógrafo falando de coisas físicas 'se atém ao que aparece aos sentidos' como escreveu o Angélico, exprimindo-se 'ou de modo metafórico, ou segundo o modo comum de falar usado naqueles tempos e usado ainda hoje em muitos casos na conversação ordinária mesmo pelos maiores sábios.' De fato 'não era intenção dos escritores sagrados, ou melhor - são palavras de santo Agostinho do Espírito Santo que por eles falava, ensinar aos homens essas coisas - isto é, a íntima constituição do mundo visível - que nada importam para a salvação'. Esse princípio 'deverá aplicar-se às ciências

[2] Retirado da conta da Plataforma "X" de Cássio Oliveira, postado por Oliveira no dia 8 de março de 2025. Com o título "Mulher nasceu para ser AUXILIAR dos homens?" "Isso é uma AGRESSÃO contra as mulheres (Ele é uma liderança católica promovida pelo Brasil Paralelo)" - Texto de autoria de Cássio Oliveira em sua própria conta na plataforma "X". https://twitter.com/cassioolivveira/status/1898478857834881361?ref_src=twsrc%5Etfw. Acessado no dia 10 de outubro de 2025.

[3] https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2025/03/12/mulher-auxiliar-do-homem-racismo-como-mimimi-e-reza-anticomunista-veja-as-falas-polemicas-de-frei-gilson.ghtml. Acessado no dia 29 de setembro de 2025.

> afins, especialmente à história', isto é, refutando 'de modo semelhante os sofismas dos adversários' e defendendo das suas objeções a verdade histórica da Sagrada Escritura.[4]

O que Pio XII escreveu neste trecho é uma libertação dos exegetas e estudiosos bíblicos em geral, é um ponto final ao literalismo e a leitura rasa das Sagradas Escrituras. O Papa admoesta para que compreendamos a Bíblia não como um tratado de física, e forçá-la a sê-lo é a mais brutal das violências. Tampouco veda a sua leitura sem levar em conta a intertextualidade. Os hagiógrafos, com a sabedoria de Santo Agostinho e Tomas Aquino, que foram intérpretes indeléveis das Escrituras falavam a língua do coração humano, a linguagem do que os olhos veem e a alma sente. Sua missão não era mapear o cosmos, mas abrir um caminho para a salvação. Exigir deles a precisão de um laboratório moderno não é apenas um anacronismo, é um insulto à própria *Inteligência Divina* que preferiu se revelar em *metáforas que respiram*, e não em fórmulas que aprisionam, segundo o entendimento dos povos de cada época da História.

Outro golpe intelectual e hermenêutico contra o método do frade vem, justamente, do Cardeal Ratzinger (1927 – 2022). No documento *A Interpretação da Bíblia na Igreja* (1993), da *Pontifícia Comissão Bíblica* que ele presidia, o fundamentalismo é varrido da mesa como um método inválido. A crítica ali contida é demolidora: ao se recusar a levar em conta o caráter histórico da revelação, o fundamentalismo se torna incapaz de aceitar a verdade da Encarnação. A frase final de Ratzinger soa como um epitáfio para a abordagem do frade:

> A abordagem fundamentalista é perigosa, pois ela é atraente para as pessoas que procuram respostas bíblicas para seus problemas da vida. Ela pode enganá-las oferecendo-lhes interpretações piedosas mas ilusórias, ao invés de lhes dizer que a Bíblia não contém necessariamente uma resposta imediata a cada um desses problemas. O fundamentalismo convida, sem dizê-lo, a uma forma de suicídio do pensamento. Ele coloca na vida uma falsa certeza, pois ele confunde inconscientemente as limitações humanas da mensagem bíblica com a substancia divina dessa mensagem.[5]

## O APAGAMENTO PROFÉTICO: A DOUTRINA SOCIAL CONTRA O INIMIGO SELETIVO

[4] ENCÍCLICA *DIVINO AFFLANTE SPIRITU* DO SUMO PONTÍFICE PAPA PIO XII https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_30091943_divino-afflante-spiritu.html. Acessado em 29 de setembro de 2025.

[5] PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA -- A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA NA IGREJA https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_19930415_interpretazione_po.html. Acessado em 29 de setembro de 2025.

A segunda fratura que este trabalho identificou é uma das mais graves, está no seu tratamento da questão social. A pregação de Frei Gilson vive da construção de um pânico moral, elegendo um único inimigo como a ameaça definitiva à fé: o *comunismo*. Essa fixação, que atinge o clímax em orações como *Livrai-nos do comunismo*[6], bebe diretamente na teologia política do jurista alemão Carl Schmitt (1888 – 1985), onde a política se resume à distinção entre amigos e inimigos. Mas esse enquadramento só se sustenta de pé por meio de um ato deliberado, quase cirúrgico, isto constitui o apagamento de mais de um século de Doutrina Social da Igreja (DSI). E, é necessário dar a devida ênfase: este artigo advoga que este enquadramento, mais uma vez anacrônico, é a tragédia de um discurso pretensamente eclesial com claros objetivos políticos, como se verá adiante.

A desonestidade intelectual dessa simplificação já se revela no marco zero da DSI moderna, a *Rerum Novarum* (1891) de Leão XIII 1878 – 1903) é um texto que rejeita a *solução socialista*, mas seu corpo é uma defesa intransigente da dignidade do operário e uma condenação das condições desumanas de trabalho, nos estertores do século XIX.

Quarenta anos depois, Pio XI (1922 – 1939), na *Quadragesimo Anno* (1931), não apenas aprofundou a crítica, como mirou no "funesto e abominável internacionalismo do capital". Estava traçada ali uma trajetória de análise crítica das estruturas econômicas, uma sabedoria que nunca se deixou reduzir a uma cruzada contra um único fantasma – o comunismo, no seguinte trecho:

> *Pretensões injustas do capital*
> É certo que por muito tempo pôde o capital arrogar-se direitos demasiados. Todos os produtos e todos os lucros reclamava-os ele para si, deixando ao operário unicamente o bastante para restaurar e reproduzir as forças. Apregoava-se, que por fatal lei económica pertencia aos patrões acumular todo o capital, e que a mesma lei condenava e acorrentava os operários a perpétua pobreza e vida miserável. E bem verdade, que as obras nem sempre estavam de acordo com semelhantes monstruosidades dos chamados liberais de Manchester: não se pode contudo negar que para elas tendia com passo certeiro e constante o regime económico e social. Por isso não é para admirar que estas opiniões erróneas e estes postulados falsos fossem energicamente impugnados, e não só por aqueles a quem privavam do direito natural de adquirir melhor fortuna.[7]

[6] Frei Gilson fala sobre os perigos do comunismo no Brasil: https://www.youtube.com/shorts/na5V_Lkemuo. Acessado no dia 10 de outubro de 2025.

[7] ENCÍCLICA *QUADRAGESIMO ANNO* – PAPA PIO XI https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html. Acessado no dia 29 de setembro de 2025.

Ainda que o Papa Pio XI proceda, em linhas posteriores, a uma forte crítica à coletivização dos meios de produção, ele o faz de maneira equilibrada, num contexto histórico específico, numa Europa em convulsão pela *Revolução Russa* de 1917. Havia um contexto claro para que o Papa da época recalibrasse o seu discurso para o equilíbrio entre proteção da propriedade privada e proteção dos trabalhadores. Mesmo assim, o *Magistério Petrino* não se esquivou de criticar o capitalismo como um sistema que reivindicava para si toda a criação e todos os frutos dela advindos, uma espécie de *teologia da ganância*. Nesta *teologia profana*, o trabalhador nascia espoliado e morria acorrentado, condenado a uma miséria perpétua não pelo destino, mas por um postulado cruel disfarçado de fato social ou ordem natural das coisas. O Magistério do século XX e XXI jamais deixou de equilibrar este discurso entre rejeição ao socialismo, mas acusação severa ao lucro desmedido e ao capitalismo sem peias. A Igreja nunca foi maniqueísta nesta questão, ela sempre foi matizada, desde a *Rerum Novarum* de Leão XIII.

Essa tradição seguiu se aprofundando, legitimando a intervenção estatal com João XXIII (1958 – 1963) na Carta Encíclica *Mater et Magistra* e desmistificando a propriedade privada como direito absoluto; O Papa Paulo VI na Encíclica *Populorum Progressio* segue a mesma linha de seu predecessor e ousou admitir a expropriação para o bem comum, no seguinte trecho da *Carta Encíclica Populorum Progressio*:

> *O uso dos rendimentos*
> O bem comum exige por vezes a expropriação, se certos domínios formam obstáculos à prosperidade coletiva, pelo fato da sua extensão, da sua exploração fraca ou nula, da miséria que daí resulta para as populações, do prejuízo considerável causado aos interesses do país. Afirmando-o com clareza, o Concílio também lembrou, não menos claramente, que o rendimento disponível não está entregue ao livre capricho dos homens, e que as especulações egoístas devem ser banidas. Assim, não é admissível que cidadãos com grandes rendimentos, provenientes da atividade e dos recursos nacionais, transfiram uma parte considerável para o estrangeiro, com proveito apenas pessoal, sem se importarem do mal evidente que com isso causam à pátria.[8]

A arquitetura do frade começa a ruir em verdade quando a confrontamos com o homem que ele certamente deve admirar como baluarte da luta anticomunista, trata-se de João Paulo II (1978 – 2005), um dos rostos mais conhecidos do Planeta nos últimos decênios do século XX. É uma ironia quase cruel que um ícone que Frei Gilson admira como seu exemplo máximo de

[8] ENCÍCLICA *POPULORUM PROGRESSIO* DE SUA SANTIDADE PAPA PAULO VI https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html. Acessado no dia 29 de setembro de 2025.

catolicismo difira tanto dele mesmo. O papa que viu o comunismo tombar não se permitiu a alegria fácil da vingança. Em vez disso, já em 1981, com a Encíclica *Laborem Exercens*, ele desfere um golpe no coração do capitalismo vitorioso ao cravar a "prioridade do trabalho sobre o capital".

> *Prioridade do trabalho*
>
> Diante da realidade dos dias de hoje, em cuja estrutura se encontram marcas bem profundas de tantos conflitos, causados pelo homem, e na qual os meios técnicos — fruto do trabalho humano — desempenham um papel de primeira importância (pense-se ainda, aqui neste ponto, na perspectiva de um cataclismo mundial na eventualidade de uma guerra nuclear, cujas possibilidades de destruição seriam quase inimagináveis), deve recordar-se, antes de mais nada, um princípio ensinado sempre pela Igreja. É o *princípio da prioridade do 'trabalho' em confronto com o 'capital'*. Este princípio diz respeito directamente ao próprio processo de produção, relativamente ao qual o trabalho é sempre *uma causa eficiente* primária, enquanto que o 'capital', sendo o conjunto dos meios de produção, permanece apenas *um instrumento, ou* causa instrumental. Este princípio é uma verdade evidente, que resulta de toda a experiência histórica do homem.[9]

No auge da segunda Guerra Fria, que coincide com a chegada ao poder nos Estados Unidos do Presidente Ronald Regan (1981 – 1989), com uma retórica que desmantelou a política de convivência pacífica entre União Soviética e EUA, conhecida como *détente*, o mundo voltou a tornar-se refém de um apocalipse nuclear, a voz de Karol Wojtyła (1920 – 2005) ergueu-se para desferir um golpe a favor de um princípio inegociável, o da primazia do trabalho — a causa viva, a dignidade em ato e potência — sobre o capital, o mero instrumento, a coisa.

O homem que conheceu o rosto do totalitarismo nos lembrou que a tirania tem muitas máscaras, mas um só pecado: o de curvar a pessoa humana perante o altar de suas próprias ferramentas. E uma das tiranias mais cruéis, sentenciou o Papa polonês, respondia pela primazia do capital sobre o trabalho. Insistimos no mesmo argumento: a voz do Magistério Romano é nuançada, ela não contém nenhuma característica maniqueísta nem cátara. Numa análise ainda mais profunda: a luta de João Paulo II contra o comunismo é historicamente datada e situada. É ainda mais revelador, para não dizer chocante, que os estudos diretos de suas *Cartas Encíclicas* revelem um Pastor preocupado com o capitalismo emergente que a dupla Reagan-Thatcher queria impor ao mundo, e impuseram. João Paulo II enxergou isto com clareza absoluta. Frei Gilson, no Brasil de 2025, só enxerga ameaça comunista da Rússia.

[9] ENCÍCLICA *LABOREM EXERCENS* DO SUMO PONTÍFICE JOÃO PAULO II https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091981_laborem-exercens.html. Acessado no dia 29 de setembro de 2025.

## 3. A âncora no caos: a pastoral da certeza e sua força sociológica

A doutrina, por si só, é um mapa que merece o contributo da Sociologia. Para entender por que esse fenômeno ressoa como uma força com tamanha capilaridade, é preciso hipertrofiar a lente da teologia com a da sociologia. A verdade incômoda, que talvez relutemos em admitir, é que o sucesso de Frei Gilson brota menos de seus méritos teológicos e mais de sua sintonia brutal com o desamparo do sujeito contemporâneo. Sua pastoral é um antídoto funcional para o veneno que Zygmunt Bauman (1925 – 2017) chamou de "modernidade líquida": um mundo fluido, onde tudo que era sólido — família, nação, fé — se desmancha no ar.

Nesse cenário de areia movediça das relações contemporâneas, a reza coletiva e repetitiva do *Rosário* deixa de ser um simples ato de piedade e transforma-se na construção de uma âncora identitária[10]. Funciona como um refúgio hipnótico contra a violência de um mundo caótico, é a sedução de um espaço sagrado que parece imune ao tempo.

Ao mesmo tempo, na "sociedade do cansaço" de Byung-Chul Han (1959), o ritual oferece um alívio. Diante da cobrança incessante para que sejamos projetos de sucesso, a submissão a uma fórmula de oração se torna um descanso, a suspensão da obrigação de "ser eu mesmo" de forma tão exaustiva. O terço repetitivo em expiação aos mistérios gozosos da Virgem, como dito anteriormente, oferecem o antídoto para o que Byung-Chul Han descreve nos seguintes termos no seu livro *A Sociedade do cansaço:*

> A sociedade disciplinar é uma sociedade da negatividade. É determinada pela negatividade da proibição. O verbo modal negativo que a domina é o não-ter-o-direito. Também ao dever inere uma negatividade, a negatividade da coerção. A sociedade de desempenho vai se desvinculando cada vez mais da negatividade. Justamente a desregulamentação crescente vai abolindo-a. O poder ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade de desempenho. O plural coletivo da afirmação 'Yes, we can' expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade de desempenho. No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados.

[10] Frei Gilson centra a sua fé católica na expressão máxima da fé mariana, acessado no link: https://www.youtube.com/watch?v=qLUUkPZ9lDM. Acessado no dia 10 de outubro de 2025.

Em outros termos, o trecho acima pode ser lido segundo a chave interpretativa de que não somos mais oprimidos por uma lei; somos, antes, devorados por nossas próprias possibilidades de consumo infinitas, *Fake News*, *likes, curtidas,* e um sistema informacional saturado que nos leva à inevitável quebra de identidade interna. A liberdade tornou-se uma espécie de fardo, a forma mais eficiente de asfixia. E assim, não desafiamos mais as normas (justamente porque as identidades não conseguem mais justapor coletividades), somos almas exaustas, fracassadas não por quebrar as regras e produzir novas e mais criativas, que gerem bem-estar verdadeiro. O peso desta responsabilidade e de um tamanho tão brutal, que o solo para um Frei Gilson se torna fértil, com o terreno preparado, ele apenas semeia. E aqui chega-se a outra conclusão: hoje é o Frei Gilson, amanhã poderá ser outra figura religiosa ou secular, que mate a sede de sentido do mundo. Este processo não surgiu agora, no século XXI, ele vem como uma avalanche lenta desde o século XVIII e XIX, com a perda de sentido comunitário pela instalação do *cercamento dos campos* na Inglaterra, e se agudiza com o neoliberalismo na sua fase pós-capitalista.

Frei Gilson oferece simplicidade teológica, isto se transmuta numa moeda conversível de grande força sociológica e agregadora. Diante da complexidade paralisante do real, sua retórica oferece um binarismo redentor: Deus ou o Diabo[11], pureza ou mundo, tradição ou ideologia. Ele não oferece nuances. Oferece certezas. E a certeza, bem sabemos, é o produto mais raro e valioso de nossa economia espiritual. Para o *ethos* brasileiro, é a praia de Itapuã.

Sua *paróquia digital* se torna, então, uma comunidade de alta definição, que oferece pertencimento imediato sem o atrito e a decepção do convívio real, tão comum nas redes sociais, isto é: gostou? *Like*, não gostou? *Bloqueio*. Não há custo emocional aparente. É a eficiência da economia das relações digitais.

A eficácia dessa pastoral da certeza não é apenas sintoma de uma crise pós-moderna, ela aponta para uma ferida interna da própria Igreja – uma disfonia eclesial. A voz do Magistério, por sua complexidade ou distância, muitas vezes soa rouca, fraca, inaudível para o povo de Deus. Nesse vácuo, a voz de Frei Gilson emerge, artificialmente límpida e potente, justamente porque foi esvaziada de toda a complexidade e paradoxo da Tradição Católica, desprovida do teste de resistência e estresse de dois milênios pelos quais passou a Igreja.

[11] Homilia de Frei Gilson encapsulando a fé em seu sentido binário: Deus vs. Diabo, no link: https://www.youtube.com/watch?v=-7VtZR91E_M. Acessado no dia 10 de outubro de 2025.

O paradoxo final, no entanto, é de uma ironia cruel. O inimigo que assombra seus fiéis, o espectro do *comunismo*, é um fantasma. O verdadeiro cerco, a fonte real da ansiedade que seus rituais buscam aplacar, é a realidade predatória do *capitalismo desregulado*, da *competição sem fim*, da *solidão transformada em mercadoria*. São as mesmíssimas *estruturas de pecado* que o Magistério denuncia diuturnamente, Frei Gilson silencia sobre esta complexidade. Sua pastoral, no fim das contas, oferece um analgésico potente para os sintomas de um mal cujas causas sua própria ideologia o proíbe de diagnosticar.

4. A igreja em saída contra a igreja-fortaleza: o contraponto do Papa Francisco

Na Encíclica *Evangelii Gaudium*, a frase do Papa Francisco (2013 – 2025) é um torpedo contra a lógica da fortaleza: ele prefere uma Igreja "acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas ruas" a uma Igreja "enferma pelo fechamento". Isso não é poesia. É um programa de governo que condena diretamente os "guardiães do dogma" que trocam o risco da caridade pela segurança estéril. Essa visão se aprofunda em seu magistério social.

Quando adentramos aos dramas do Brasil, a falência do modelo da fortaleza se torna gritante. A declaração de Frei Gilson sobre o racismo – "A gente tem a nossa querida pretinha aqui [...] É a geração do 'mimimi[12]'" – não foi um simples deslize. É o sintoma de uma teologia incapaz de reconhecer as feridas históricas do seu povo. Para esta pesquisa, buscamos a análise do Professor Dr. Ivanir dos Santos, historiador da UFRJ e Babalorixá, cujo veredito é cauteloso e evidente:

> A fala de Frei Gilson é a ponta de um iceberg de epistemicídio. É a mesma violência que, desde a colônia, não apenas oprime corpos, mas busca apagar seus saberes [...]. Ao reduzir a dor secular de um povo a um 'mimimi', ele não está sendo apenas insensível. Está negando a validade de uma experiência humana e espiritual profunda. É uma falha na caridade intelectual que revela, no fundo, uma falha radical na caridade evangélica.[13]

A análise do professor expõe a contradição final: uma fé que se tranca em seus muros se torna surda ao clamor dos pobres, justamente aqueles a quem o evangelho de Francisco dedica uma escuta primordial.

---

[12] Frei Gilson ignora a luta contra termos racistas e a luta contra o racismo no Brasil, no link: https://www.youtube.com/shorts/BmatQrbYPSg. Acessado no dia 10 de outubro de 2025.

[13] SANTOS, Ivanir dos. Depoimento [Entrevista cedida a] Thiago Gama. Rio de Janeiro – na UFRJ/ IFCS no dia 25 de setembro de 2025. Informação verbal. O teor da citação foi confirmado pelo entrevistado via aplicativo de mensagem.

5. A fábrica do inimigo: a gramática do pânico moral como combustível algorítmico

O pontificado de Francisco nos oferece o contraponto, a imagem espelhada de uma Igreja que sonha em sair de si mesma, a questão peculiar, e que precisa ser respondida, é de uma natureza mais mecânica, mais visceral. Como, exatamente, a fortaleza se sustenta? Qual é o cimento que une seus tijolos ideológicos?

A resposta reside numa sofisticada e brutalmente eficaz engenharia retórica. Uma verdadeira fábrica de inimigos cujo combustível mais potente é o *pânico moral* que ela mesma produz e refina – é a gramática da simplificação que captura almas e a lógica algorítmica que a recompensa, transformando a ansiedade em engajamento e a fé em um circuito fechado de retroalimentação.

A primeira etapa na linha de montagem desta eficácia retórica é a desidratação de conceitos complexos. Termos como *globalismo*, *ideologia de gênero* ou *comunismo cultural* são aqui esvaziados de todo o seu peso histórico e teórico. Eles se tornam significantes flutuantes, etiquetas vazias prontas para serem preenchidas pelo medo. O *comunismo*, tal como o frade entende, não tem qualquer relação com Karl Marx (1818 – 1883) ou com a Guerra Fria (1947 – 1991). A palavra comunismo é uma espécie de espantalho para tudo aquilo que ameaça uma ordem imaginada: a desintegração da família, a fluidez dos costumes, a perda de referenciais. É um nome para o *desamparo material* e *existencial*.

Essa operação de esvaziamento permite o segundo passo: a imposição de um binarismo redentor. O mundo pode ser perfeitamente dividido em dois campos antagônicos: de um lado, a fortaleza da fé; do outro, o cerco ao *mundanismo*[14]. Esta gramática maniqueísta é de uma eficácia cognitiva avassaladora e algo definitiva. Ela oferece um atalho para o julgamento, uma régua moral que dispensa o trabalho penoso de pensar. Diante da paralisia que a complexidade nos impõe, essa simplificação não é apenas um alívio, é uma libertação do espírito pela via mais rápida possível, pelo mundo encantado de Max Weber (1864 – 1920), a religião passou a ser o capitalismo, e, com sua lógica implacável, ele retirou o sentido do próprio viver. Como se nos inquiríssemos internamente: a vida se resume a vender e comprar?

> No que a ascese se pôs a transformar o mundo e a produzir no mundo os seus efeitos, os bens exteriores deste mundo ganharam poder crescente e por fim irresistível sobre os seres humanos como nunca

[14] O moralismo e o maniqueísmo na fala de Frei Gilson, no link: https://www.youtube.com/shorts/mTQKGsOPliY. Acessado no dia 10 de outubro de 2025.

> antes na história. Hoje seu espírito — quem sabe definitivamente? — safou-se dessa crosta. O capitalismo vitorioso, em todo caso, desde quando se apóia em bases mecânicas, não precisa mais desse arrimo. [...] a idéia do 'dever profissional' ronda nossa vida como um fantasma das crenças religiosas de outrora.[15]

O capitalismo na visão de Weber, foi vitorioso, tornou-se autossuficiente e mecânico, já não precisa da fé que o pariu. E nós, seus herdeiros, ficamos com a estrutura vazia: a compulsão pelo trabalho, a noção de um *dever profissional* que já não se reporta a Deus. Somos assombrados não pela presença de uma crença, mas pela sua ausência retumbante, condenados a servir a uma "crosta de aço" que perdeu seu criador e, com ele, todo o seu sentido. A emergência da Inteligência Artificial, a perda iminente de milhões de postos de trabalho, incluindo os de alta especialização, as variáveis cruéis do aquecimento global, sem com que o capitalismo tardio dê sinais de arrefecer, oferecem um cenário do monstro de Lerna a Hidra de nove cabeças da mitologia grega. Este monstro, no Brasil, é chamado de *comunismo*, e seu Héracles se chama Frei Gilson.

Aqui a pastoral encontra a lógica do algoritmo, o que é a arquitetura de plataformas como o YouTube senão um ecossistema projetado para recompensar a captura da atenção? O algoritmo não é um curador neutro, ele é um agente econômico faminto por engajamento. E o que gera mais engajamento do que a indignação, o medo, a sensação de pertencimento a um grupo que detém a verdade? A gramática do pânico moral é o combustível de mais alta eficiência para este motor.

O resultado é um circuito de retroalimentação quase perfeito: o pregador produz o pânico, os fiéis reagem, e o algoritmo recompensa o produtor com mais visibilidade. A profecia da fortaleza sitiada se autorrealiza, não porque o inimigo seja real, mas porque a máquina que lucra com a *crença no cerco* funciona à perfeição.

## 6. O desfile silencioso dos verdadeiros dissidentes

A Ordem católica que está por trás da formação de Frei Gilson, o carmelita. A história do Carmelo é uma sucessão de figuras cuja "dissidência" foi verdadeiramente radical. O silêncio que mais acusa a estridência da *fortaleza* talvez venha do parceiro de reforma da própria Teresa, São João da Cruz, se a pastoral de Gilson vende certeza, a de João da Cruz oferece o

[15] WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. Apresentação de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

exato oposto: o despojamento, a fé no escuro da *Noite Escura*. É uma espiritualidade que não se mede em engajamento, mas em perda.

O que dizer de Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein)? A filósofa que encontrou na fé a culminação da razão, não sua negação, e que morreu em Auschwitz testemunhando contra o mal real, ou no Beato Tito Brandsma, outro mártir do nazismo, cuja luta foi contra a propaganda totalitária, um engajamento concreto que lhe custou a vida – diante disso, a luta do frade contra um inimigo abstrato não nos soa apenas pobre, alienante. Ele não produz uma *Igreja em Saída*, ele produz uma *Igreja em retirada*. Quando mais o mundo precisa de engajamento com a imanência.

Frei Gilson propõe o oposto, retirem-se, o mundo não vale à pena[16]. É a mensagem implícita, quando assim procede, e como sabemos que, assim como na Política, e na Religião, o vácuo é insuportável, o discurso do Frei Gilson se presta para a validação da antipolítica, e nós já vimos onde este filme acaba, e a agudização da solidão, porque quando a recitação do terço finda, o que fica no lugar? Analgésicos, assim como ansiolíticos, viciam, mas o tempo de vida útil no organismo é baixo, no fim, o sistema renal não mais os processa, por estresse, e o ciclo Frei Gilson, assim como o ciclo Padre Marcelo Rossi, também tenderá a se esgotar, porque não educa para à liberdade e a formação de uma comunidade.

## 7. O terreno da cisão: a crise brasileira e a sede de ordem

A ressonância de Frei Gilson não é um acidente. Ela é o sintoma de uma crise profunda na alma do Brasil, agudizada por este nosso século turbulento. Sua pastoral, ainda que distorcida, responde a uma tríplice ansiedade nacional: o prenúncio do fim do catolicismo cultural (previsto pelos números do IBGE), a falência das instituições e a busca desesperada por ordem num mundo que se liquefaz a olhos vistos.

Soma-se a isso a crise de legitimidade das nossas instituições. O descrédito da política e da justiça se estende à hierarquia da Igreja, vista como distante. É o terreno perfeito para mediadores carismáticos que falam diretamente ao fiel, de seu quarto para o celular, construindo uma autenticidade que desafia a autoridade dos bispos. O capital midiático que ele acumula, a estrutura burocrática da Igreja não consegue sequer acompanhar. O esforço da

[16] Homilia de Frei Gilson sobre o mal e o pecado, a responsabilização individual como consequência. Link: https://www.youtube.com/shorts/fxPvkMOpBWk. Acessado no dia 10 de outubro de 2025.

canonização do primeiro santo *millenial* Carlo Acutis (1991 – 2006), e o reconhecimento do Papa Leão XIV (2025) e sua preocupação com as novas tecnologias, demonstram que a Igreja, embora tarde, entendeu, ou está procurando depurar, o fenômeno que está acontecendo, antes que ele se torne irreversível para Roma.

> Infelizmente, como frisou o saudoso Papa Francisco, as nossas sociedades de hoje vivem uma certa «perda ou, pelo menos, um eclipse do sentido do humano», o que por sua vez desafia todos nós a refletir mais profundamente acerca da verdadeira natureza e da unicidade da nossa dignidade humana comum (*Discurso à sessão do G7 sobre a Inteligência artificial*, 14 de junho de 2024). A inteligência artificial, especialmente a generativa, abriu novos horizontes a muitos níveis diferentes, entre os quais a melhoria da investigação no domínio da saúde e os progressos científicos, mas também apresenta questões preocupantes sobre as suas possíveis repercussões na abertura da humanidade à verdade e à beleza, sobre a nossa particular capacidade de compreender e elaborar a realidade. Reconhecer e respeitar o que distingue de modo único a pessoa humana é essencial para o debate sobre qualquer quadro ético adequado para a gestão da inteligência artificial.[17]

A advertência de Leão XIV constitui uma continuidade eletiva que assume a analogia histórica como seu programa pontifício: se Leão XIII enfrentou a *Revolução Industrial*, este novo Leão encara a *Revolução Digital* e sua anarquia mais perigosa – a IA generativa, e o seu consequente resultado: a internet sem lei. A questão social de outrora, que explorava o corpo do trabalhador, metamorfoseou-se na questão antropológica de hoje, que suga a própria alma e o sentido da realidade (que faz o humano confundir *likes* com amor verdadeiro). Seu magistério, portanto, indica, até o momento, não um recuo temeroso para uma *Igreja-Fortaleza*, mas a audaciosa tentativa de uma *Rerum Novarum* para o nosso tempo hiper tecnológico.

## 8. As vozes proféticas que a fortaleza ignora

A tradição católica está repleta de uma linhagem de pensamento corajosamente engajados com a justiça e com o futuro. Figuras como Bartolomé de Las Casas (1484 – 1566), Teilhard de Chardin (1881 – 1955), Dom Hélder Câmara (1909 – 1999) e Leonardo Boff (1938) representam um catolicismo que não teme o mundo, que vê na defesa do oprimido uma

[17] MENSAGEM DO PAPA LEÃO XIV AOS PARTICIPANTES NA 2ª CONFERÊNCIA ANUAL DE ROMA SOBRE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, ÉTICA E GOVERNANÇA CORPORATIVA Roma, Itália, 19-20 de junho de 2025. https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/messages/pont-messages/2025/documents/20250617-messaggio-ia.html. Acessado no dia 30 de setembro de 2025.

exigência do Evangelho. O contraste com o frade não é de grau, é de substância e de direção histórica, Arriscamo-nos mais: a diferença é de natureza ontológica, está, por assim dizer, na raiz do ser e de sua formação – opaca, empobrecida do estudo aprofundado da *Eclesiogênese*, Caritas, e o sentir o pulso do povo pobre. Em uma palavra: falta ao Frei Gilson os ensinamentos do Concílio Vaticano II (1962 – 1965).

No século XVI, o dominicano Las Casas promoveu uma revolução ética. Após sua conversão, dedicou a vida a denunciar os crimes da colonização. Sua evolução é o que mais impressiona: tendo defendido a escravidão de africanos, ele se arrependeu publicamente, passando a lutar contra todas as formas de escravidão. Essa capacidade de se corrigir diante do sofrimento real está a anos-luz de uma teologia que chama a dor do outro de "mimimi", como está consignado neste artigo a denúncia do babalorixá Prof. Dr. Ivanir dos Santos.

No século XX, o jesuíta Teilhard de Chardin oferece outra antítese. Ele buscou sintetizar fé e evolução, vendo o *Cristo Cósmico* como o ponto para o qual toda a criação converge. Onde Gilson prega um recolhimento defensivo, Teilhard via uma Igreja em diálogo com a ciência, encontrando Deus na própria história.

No Brasil, a *Teologia da Libertação*, como a de Leonardo Boff, é a negação mais aguda do projeto da fortaleza. Partindo da *opção preferencial pelos pobres* como método, Boff propõe uma crítica às estruturas que geram a pobreza, integrando a ecologia como dimensão da justiça. A luta não é contra um fantasma, mas contra um paradigma que produz o *grito da terra* e o *grito dos pobres*. Infelizmente, ao invocarmos a *Teologia da Libertação*, abrimos um flanco para toda a espécie de críticas que possam surgir acerca deste artigo por parte do tratamento que estamos dando não à pessoa (que não interessa a um artigo acadêmico), mas à Teologia que Frei Gilson prega, entretanto, não teríamos antídoto mais poderoso do que o trecho *Libertatis Conscientia* de 1986, da pena do próprio Cardeal Joseph Ratzinger.

A inteligência e a manobra do Cardeal não está em reabilitar por completo o que, em sua visão, considerava um desvio da ortodoxia da fé, como ele entendia mas, em relação ao primeiro documento, emitido em 1984, intitulado *Libertatis Nuntius*, há um reconhecimento de que a Teologia da Libertação detinha, sim, em sua essência, uma *opção preferencial pelos pobres*. Ele não reabilitou a Teologia de Gustavo Gutiérrez-Merino Díaz, OP (1928 – 2024), ao contrário, ele a nuançou num movimento enxadrístico próprio dos grandes intelectuais. Talvez

a leitura rasa de *Libertatis Conscientia* de 1986, poderia levar Frei Gilson a chamar Ratzinger, numa leitura às cegas, de comunista.

> 17. É no contexto da desigualdade das relações de força que apareceram os movimentos de emancipação das nações jovens, geralmente nações pobres, ainda recentemente submetidas ao domínio colonial. Muito frequentemente, porém, o povo é privado de uma independência duramente conquistada, por regimes ou tiranias sem escrúpulos, que tripudiam impunemente sobre os direitos do homem. Dessa forma, o povo, reduzido à impotência, apenas mudou de dono. Permanece, no entanto, como um dos maiores fenómenos do nosso tempo, em escala de inteiros continentes, o despertar da consciência do povo que, esmagado pelo peso da secular miséria, aspira a uma vida na dignidade e na justiça e está pronto a bater-se por sua liberdade.[18]

Em outras palavras, o subtexto deste trecho não é o de uma condenação de outrora (1984), que ainda pairava no ar quando o Cardeal Ratzinger, o guardião da ortodoxia, fez mais do que escrever, ele escutou. Nestas linhas da *Libertatis Conscientia*, ele sentenciou a reabilitação da alma da *Teologia da Libertação*, ainda que condenasse os ramos de suas ideologias. O grito que vinha das terras ensanguentadas de El Salvador, da Nicarágua, da Guatemala, já não podia ser silenciado como mero erro doutrinário. O Cardeal, com a precisão de um teólogo refinado, foi forçado a admitir que o despertar de um povo esmagado pela miséria não era um problema político, mas um evento que atravessava a teologia. Era o reconhecimento de que a *opção preferencial pobres* não era uma escolha, mas a própria escolha de Deus na história dos homens e mulheres de boa-vontade.

Finalmente, Dom Hélder Câmara, cujo eco ainda ressoa. O "bispo das favelas" desmontou essa retórica com uma única frase: "Quando dou comida aos pobres, me chamam de santo. Quando pergunto por que são pobres, me chamam de comunista". Sua espiritualidade era de encarnação, não de isolamento. Esta é a pedra de toque de todo este artigo, uma Igreja que se encastela é uma ONG, uma Igreja que vai ao encontro, e sai enlameada e exausta do encontro, é verbo.

Essas tradições mostram que a fé autêntica não é um refúgio, mas um impulso para as periferias. A pastoral de Frei Gilson, portanto, não é conservadora, ela é reacionária. Não busca

[18] CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ INSTRUÇÃO LIBERTATIS CONSCIENTIA SOBRE A LIBERDADE CRISTÃ E A LIBERTAÇÃO https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19860322_freedom-liberation_po.html. Acessado no dia 30 de setembro de 2025.

conservar a tradição viva, mas reagir contra o presente, oferecendo uma ordem simulada que desiste da missão de transformar o mundo real.

9. A palavra esvaziada: o fim do silêncio e a tirania do logos espetacular

Há uma dimensão, talvez a mais íntima de todas, que ainda não nomeamos. E nos perguntamos, neste momento da análise, se não é ela a raiz de todo o desvio: a relação doente com a própria linguagem. A tradição judaico-cristã é, desde o Gênesis, uma tradição da Palavra. *No princípio era o Verbo*. Mas que acontece quando a *Palavra*, esse instrumento de revelação e diálogo, é sequestrada e transformada em mero instrumento de performance?

O que observamos na pastoral de Frei Gilson não é uma profusão de palavras, mas uma esterilização da palavra. É um falar que não cria espaço, não abre fendas, não convida à interioridade. Pelo contrário – é um ruído contínuo que ocupa todo o espectro auditivo da alma, um *logos* espetacular que teme, acima de tudo, o silêncio. O silêncio é o lugar da dúvida, do questionamento, do encontro consigo mesmo e, potencialmente, com o *Mistério*. É no silêncio que a fé pode amadurecer do *Credo* rumo a *Confiança*. A *pastoral da certeza* não pode correr esse risco. Sua eficácia depende do preenchimento total de todos os vazios. O *terço*, nesse contexto, deixa de ser uma oração contemplativa para se tornar um mantra funcional, uma espécie de parede espiritual que impede o surgimento de qualquer pergunta incômoda.

Conclusão: a fé esvaziada e o risco de uma cristandade algorítmica

Ao fim deste percurso, o que a análise nos mostra é que o fenômeno Frei Gilson é mais do que um sucesso midiático, é a encarnação de uma ruptura profunda com a *Tradição Católica*, feita em nome de um *tradicionalismo* que não conhece a própria história e que, ironicamente, se entrega às lógicas mais predatórias do capitalismo de plataforma. O veredito é o de uma espiritualidade de consequências: eficaz em engajamento, mas que não gera um cristianismo politizado com "P" maiúsculo, como o Papa Francisco propôs em sua *Carta Encíclica Fratelli Tutti* de 2020.

> 177. Gostaria de insistir que 'a política não deve submeter-se à economia, e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma eficientista da tecnocracia'. Embora se deva rejeitar o mau uso do poder, a corrupção, a falta de respeito das leis e a ineficiência, 'não se pode justificar uma economia sem política, porque seria incapaz de promover outra lógica para governar os vários aspetos da crise atual'. Pelo contrário, 'precisamos duma política que pense com visão ampla e leve por diante uma reformulação integral, abrangendo num

> diálogo interdisciplinar os vários aspetos da crise'. Penso numa 'política salutar, capaz de reformar as instituições, coordená-las e dotá-las de bons procedimentos, que permitam superar pressões e inércias viciosas'. Não se pode pedir isto à economia, nem aceitar que ela assuma o poder real do Estado.[19]

O que Francisco faz em *Fratelli Tutti* é mais do que uma análise, é uma declaração de guerra contra o modelo de *Igreja-Fortaleza*. Ele nos grita que esquivar-se da *boa política* não é um ato de pureza, mas o pecado da ausência, o vácuo deliberado onde a tecnocracia e a economia, desgovernadas da direção do diálogo político, esvaziam a vida de sentido.

Nesta visão, a política é o *sistema circulatório* do corpo social, a rede que irriga a sociedade com a visão do *bem comum*. Por isso, a *Igreja em saída* é a recusa em assistir à hemorragia de uma Igreja que sangra justamente por sua paralisia supostamente purificadora, para o Papa que nos deixou recentemente, é imperativo injetar amor e honestidade na corrente sanguínea da sociedade pela Política, com *P maiúsculo*, como ele insistiu.

Este artigo tratou de uma tríplice dissonância — na leitura da Bíblia, na visão social e no modelo pastoral — unida pela substituição da caridade por uma gramática de identidade. Sua exegese literalista ignora o legado de Pio XII e Bento XVI. Sua fixação num inimigo político apaga a Doutrina Social de Leão XIII a João Paulo II. Seu modelo de *Igreja-Fortaleza* é a antítese da *Igreja em saída* do Concílio Vaticano II (1962 – 1965) e do Papa Francisco. A *tradição* vendida por Frei Gilson é uma invenção, um recorte conveniente para legitimar um projeto de poder.

Este fenômeno emerge como um sintoma da dificuldade da Igreja em responder à solidão contemporânea sem cair em atalhos perigosos. Ele nos mostra, de forma incisiva, como a lógica do *capitalismo de vigilância* pode sequestrar a experiência religiosa, transformando a busca por Deus em mais uma *commodity digital*, onde a autoridade não vem mais da sucessão apostólica, mas dos algoritmos e da sub-representação em freis, padres, ou outros *hubs* quaisquer. Frei Gilson passará, assim como um dia passou Girolamo Savonarola (1452 – 1498), mas talvez ele deixe cicatrizes.

## REFERÊNCIAS

[19] ENCÍCLICA *FRATELLI TUTTI* DO SANTO PADRE FRANCISCO SOBRE A FRATERNIDADE E A AMIZADE SOCIAL https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acessado no dia 30 de setembro de 2025.

CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ. Instrução sobre a Liberdade Cristã e a Libertação *Libertatis Conscientia*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1986. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19860322_freedom-liberation_po.html. Acesso em: 4 out. 2025.

FRANCISCO. Carta Encíclica *Fratelli Tutti* sobre a fraternidade e a amizade social. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 4 out. 2025.

FRANCISCO. Discurso do Santo Padre Francisco aos participantes na sessão comum do G7. Borgo Egnazia, 14 de junho de 2024. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2024/june/documents/20240614-g7-intelligenza-artificiale.html. Acesso em: 4 out. 2025.

FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 4 out. 2025.

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Laborem Exercens* sobre o trabalho humano. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1981. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091981_laborem-exercens.html. Acesso em: 4 out. 2025.

MENSAGEM DO PAPA LEÃO XIV AOS PARTICIPANTES NA 2ª CONFERÊNCIA ANUAL DE ROMA SOBRE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, ÉTICA E GOVERNANÇA CORPORATIVA Roma, Itália, 19-20 de junho de 2025. https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/messages/pont-messages/2025/documents/20250617-messaggio-ia.html.

JOÃO XXIII. Carta Encíclica *Mater et Magistra* sobre a recente evolução da questão social. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1961. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html. Acesso em: 4 out. 2025.

LEÃO XIII. Carta Encíclica *Rerum Novarum* sobre a condição dos operários. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1891. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html. Acesso em: 4 out. 2025.

PAULO VI. Carta Encíclica *Populorum Progressio* sobre o desenvolvimento dos povos. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1967. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html. Acesso em: 4 out. 2025.

PIO XI. Carta Encíclica *Quadragesimo Anno*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1931. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html. Acesso em: 4 out. 2025.

PIO XII. Carta Encíclica *Divino Afflante Spiritu*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1943. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_30091943_divino-afflante-spiritu.html. Acesso em: 4 out. 2025.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. A Interpretação da Bíblia na Igreja. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1993. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_19930415_interpretazione_po.html. Acesso em: 4 out. 2025.

https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/03/12/fe-nas-madrugadas-como-e-uma-live-de-frei-gilson-lider-catolico-que-atrai-milhoes-de-fieis-em-quaresma-digital.ghtml. Acessado no dia 29 de setembro de 2025.

https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2025/03/12/mulher-auxiliar-do-homem-racismo-como-mimimi-e-reza-anticomunista-veja-as-falas-polemicas-de-frei-gilson.ghtml. Acessado no dia 29 de setembro de 2025.

Retirado da conta da Plataforma "X" de Cássio Oliveira, postado por Oliveira no dia 8 de março de 2025. Com o título "Mulher nasceu para ser AUXILIAR dos homens?" "Isso é uma AGRESSÃO contra as mulheres (Ele é uma liderança católica promovida pelo Brasil Paralelo)" - Texto de autoria de Cássio Oliveira em sua própria conta na plataforma "X". https://twitter.com/cassioolivveira/status/1898478857834881361?ref_src=twsrc%5Etfw. Acessado no dia 10 de outubro de 2025.

Frei Gilson fala sobre os perigos do comunismo no Brasil: https://www.youtube.com/shorts/na5V_Lkemuo. Acessado no dia 10 de outubro de 2025.

Frei Gilson centra a sua fé católica na expressão máxima da fé mariana, acessado no link: https://www.youtube.com/watch?v=qLUUkPZ9lDM. Acessado no dia 10 de outubro de 2025.

Homilia de Frei Gilson encapsulando a fé em seu sentido binário: Deus vs. Diabo, no link: https://www.youtube.com/watch?v=-7VtZR91E_M. Acessado no dia 10 de outubro de 2025.

Frei Gilson ignora a luta contra termos racistas e a luta contra o racismo no Brasil, no link: https://www.youtube.com/shorts/BmatQrbYPSg. Acessado no dia 10 de outubro de 2025.

O moralismo e o maniqueísmo na fala de Frei Gilson, no link: https://www.youtube.com/shorts/mTQKGsOPliY. Acessado no dia 10 de outubro de 2025.

Homilia de Frei Gilson sobre o mal e o pecado, a responsabilização individual como consequência. Link: https://www.youtube.com/shorts/fxPvkMOpBWk. Acessado no dia 10 de outubro de 2025.

SANTOS, Ivanir dos. Depoimento [Entrevista cedida a] Thiago Gama. Rio de Janeiro – na UFRJ/ IFCS no dia 25 de setembro de 2025. Informação verbal. O teor da citação foi confirmado pelo entrevistado via aplicativo de mensagem.

Bibliografia:

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

SCHMITT, Carl. Teologia política: quatro capítulos sobre a doutrina da soberania. Tradução de Elisete Antoniuk. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ZUBOFF, Shoshana. A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

## ABSTRACT

In this paper, we propose to investigate more than a religious phenomenon; we confront a fissure. Catalyzed by the Brazilian preacher Frei Gilson, this fracture exposes a dissonance—one we argue is nearly irreconcilable—between the friar's public discourse and the body of doctrine the Catholic Magisterium has painstakingly constructed from Leo XIII to Francis. Systematically confronting the Carmelite's preaching with papal texts, we contend that his theological project is not a mere variant of conservatism but something far more distinct and, we venture, more perilous: a selective rupture that, by instrumentalizing faith, eviscerates biblical exegesis and, more critically, amputates the Social Doctrine of the Church from its prophetic core.

Keywords: Frei Gilson; Catholic Magisterium; Social Doctrine of the Church.

*Recebida em 04/10/2025*

*Aprovada para publicação em 22/12/2025*